



PERIÓDICUS

ISSN: 2358-0844

n. 23, v. 1  
nov.-dez.2025  
p. 110-128

# Cartas ao vento: relatos de si, fluxos em dissidência

*(Letters in the wind: self-reports, flows of dissent)*

*(Cartas al viento: autoinformes, corrientes en disidencia)*

Will Paranhos<sup>1</sup>

Daniel Manzoni-de-Almeida<sup>2</sup>

**RESUMO:** Escrevemos cartas. Relatamos a nós mesmos. Cruzamos o oceano por meio de escritos que falam de nós e de nossas vidas enquanto corporalidades em dissidência. Não há um motivo concreto, mas sentidos que são produzidos no cotidiano e na lida com e “Outre”, seja elu próximo ou radicalmente diferente. Acreditamos em fluxos de diferença e entendemos que qualquer tentativa de definição encheja na interrupção de tais fluxos. Como, então, vivermos vidas mais vivíveis e mortes mais morríveis quando aquilo que temos de mais potente se fecha? Compartilhamos nossas experiências e sentidos, pois acreditamos que, deste modo, podemos negociar com as normas, burlá-las, por vezes, e criarmos meios para vazarmos naquilo que, mesmo que provisoriamente, nos constitui: nosso estar-sendo-dissidência.

**PALAVRAS-CHAVE:** Cartas; Relatos de si; Epistemologias subalternizadas; Corpos em dissidência.

**Abstract:** We write letters. We report to ourselves. We cross the ocean through writings that talk about us and our lives as corporeality in dissent. There is no concrete reason, but meanings that are produced in everyday life and in dealing with “Others”, whether they are close or radically different. We believe in flows of difference and we understand that any attempt at definition ends in interrupting such flows. How, then, can we live more livable lives and more morbid deaths when the most powerful thing we have closes down? We share our experiences and meanings, because we believe that, in this way, we can negotiate with the norms, sometimes circumvent them, and create ways to escape what, even if provisionally, constitutes us: our being-being-dissent.

**Keywords:** Letters; Self-reports; Subalternized epistemologies; Bodies in dissent.

**Resumen:** Escribimos cartas. Nos informamos a nosotros mismos. Cruzamos el océano a través de escritos que hablan de nosotros y de nuestras vidas como corporalidad en disenso. No hay una razón concreta, sino significados que se producen en la vida cotidiana y en el trato con los “Otros”, ya sean cercanos o radicalmente diferentes. Creemos en los flujos de diferencia y entendemos que cualquier intento de definición termina por interrumpir dichos flujos. ¿Cómo, entonces, podemos vivir vidas más habitables y más muertes morbosas cuando lo más poderoso que tenemos se cierra? Compartimos nuestras experiencias y significados, porque creemos que, de esta manera, podemos negociar con las normas, a veces eludirlas, y crear formas de escapar de lo que, aunque sea provisionalmente, nos constituye: nuestro estar-siendo-disidencia.

**Palabras clave:** Cartas; Autoinforme; Epistemologías subalternizadas; Cuerpos en disidencia.

<sup>1</sup> Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) / Giros Curriculares (CNPq/UERJ). E-mail: profewillparanhos@gmail.com.

<sup>2</sup> Centre de Recherche sur l'éducation, les apprentissages et la didactique (CREAD), Institut National Supérieur du Professorat et de l'éducation (INSPE) da Université de Bretagne Occidentale (UBO). E-mail: danielmanzoni@gmail.com.



## 1 Algumas considerações preliminares

Não podemos e nem queremos chamar este “início” - que já foi iniciado muito antes, não sendo possível determinarmos em que momento - de “introdução”, a fim de seguir com os padrões acadêmicos, pois acreditamos que, assim, estaríamos nos traindo, mesmo que traindo-nos já estamos quando redigimos estas considerações. Esta traição é aquela que, segundo Jacques Derrida (2012, p. 249), habita a “promessa mais inocente” quando se encontra no “âmago do engajamento da promessa”. É impossível, partindo de um registro pós-estrutural e abrindo-nos à *différance* (Derrida, 2008), cumprirmos com qualquer tipo de promessa, pois seu cumprimento ensinaria uma metafísica da presença que advoga pela fixação dos sentidos, des sujeitos, das significações, em suma, de tudo o que há no mundo. Porém, por mais que reconheçamos essa traição, nosso desejo ainda é - ou, ao menos, queremos acreditar que ele seja - genuíno, e é por esta razão que decidimos trocar estas cartas.

As cartas são este meio que abre-se ao inesperado, que encontra-se no espaço do indecível (Evando Nascimento, 2004), de uma experiência que está-sendo “experiência do rastro, [que] não é a experiência de algo, nem de nada, mas um certo rastro de experiência, que é, por sua vez, a estrutura de toda experiência possível” (Haddock-Lobo, 2013, p. 265), de uma certa (im) possibilidade de acontecimento (Derrida, 2008), no instante em que cartas, ao serem enviadas, podem não chegar, podem não ser lidas, podem não ser respondidas e, quando o são, não podemos prever aquilo que virá. O próprio ato de enviar/receber cartas em tempos da primazia do digital já contém em si algo de inesperado.

Epistemologias se constituem, também, no diálogo. Acreditamos que muito do que se tem a dizer, quando nutrimos o desejo da escrita de um texto, se perde nesse processo de estruturação que objetiva atingir certa “palatabilidade”. Aqui apresentamos a troca de uma de nossas cartas, disparadas a partir de uma das milhares de nossas interações virtuais, pois acreditamos que por meio da escrita nossas ideias não estejam totalmente perdidas. A apresentação delas por “cartas selvagens” é efeito destas interações, frutíferas, que as redes sociais nos proporcionam.

Assim, antes de trocarmos nossas cartas, queremos dizer, retornando ao desejo que tenta ser genuíno, que, apesar de estarmos ocupando o espaço acadêmico, da pesquisa e, por conseguinte, lidando com as normas, queremos criar fissuras numa tentativa de escapar e vazar. Por isso que nossas cartas são, e seguirão sendo - não vamos reestruturá-las para que caibam dentro de algum volume de alguma revista científica - pessoais, afetuosas, tentando expressar um pouco desta amizade que nos une. São elas que aqui ocupam o lugar de empiria, quando da compreensão de



que nossos relatos são de potencialidade ímpar para difratarmos<sup>3</sup> em torno das questões sobre as quais temos nos debruçado. Por isso, não estranhem a imensidão de notas de rodapé, pois esta foi a maneira que encontramos para negociarmos - mais uma vez - com as normas acadêmicas e “sustentarmos” nossas colocações a partir de teorizações. Entretanto, e por fim - mesmo sem nada finalizar -, queremos reforçar que acreditamos e defendemos que nossas cartas, relatos de si (Butler, 2022), são, desde sempre, e para sempre, rastros de epistemologias que nos permitem sim criar formas outras de pensar-com no mundo.

## 2 Carta de Will

Hey, mana!

Tá boa?

Como andam as coisas aí na França? Inveja da senhora postando fotos com roupa de inverno e nós aqui, nesse calor infernal que anda fazendo no Rio de Janeiro. No final de semana bateu 60,2°C de sensação térmica, acredita? Rio 40°C já era! Então, “garota” - já estou bem carioca -, me conte sobre você, sobre a vida aí na Europa. Como tem sido essa experiência? Há tempos não nos falamos e estou cheie<sup>4</sup> de coisas para contar. Mais do que isso, estou cheie de assuntos para ficarmos filosofando...

Não sei se cheguei a comentar com você, mas dei uma mudada nos rumos da minha tese. Sim, acho que consegui constituir um bom emaranhado no exercício de pensar nas afetopolíticas de localização cuir. Já escrevi e apresentei trabalhos sobre isso, inclusive<sup>5</sup>. Porém, percebi que essa perspectiva é muito mais potente quando a utilizamos como uma lente ético-ontoepistemológica - que é o que ela representa para mim -, do que como núcleo duro de um debate como aquele a que nos propomos na tese.

Agora tenho pensado um pouquinho a respeito dos processos de fixação. Não, não vou te explicar melhor por duas razões: 1. porque gosto de criar um suspense - kkkkkkkkk, ah loka! - e; 2. esta sim uma razão de fato, pois creio que tentar colocar em palavras uma explicação acerca do que venho trabalhando torna-se quase que uma conceituação que, para mim, reforça essas perspectivas metafísicas ocidentais com as quais operamos sempre. A tese não tem objetivo,

3 A difração é um fenômeno físico relacionado às ondas, sejam elas de luz, som, água ou outros. Diferentemente da reflexão —quando a onda é emitida, encontra um obstáculo e reflete, mudando sua direção —, na difração, após o encontro com o obstáculo, a onda cria outros movimentos, como o atravessamento do obstáculo por pequenos orifícios (a onda contrai-se); a transposição pelas margens da barreira; o rebatimento; mas não só mudando de direção, mas de forma, sentido, estrutura e outros. A reflexão é uma maneira de representação, tão somente. Já no fenômeno da difração é que as diferenças surgem (Will Paranhos; Maria Luisa Jimenez-Jimenez, 2023, p. 153).

4 E autorie compreende-se enquanto uma pessoa não-binária, motivo pelo qual faz uso de linguagem neutra.

5 Will Paranhos (2023a; 2023b).



definição metodológica, nada disso. Ela vai se constituindo assim como a gira, que não tem começo, meio e, principalmente, um fim. A gira sempre esteve lá, nosso papel é somente o de ingressar e participar do movimento<sup>6</sup> de repetições de onde, acredito, fluem as diferenças enquanto fluxo.

Porém, como já te dei uma pista ao falar que estou difratando acerca dos “processos de fixação” - e sim, entendo-os enquanto processos por sua característica linear que, mais uma vez, busca possibilitar uma construção padronizada, bem aos moldes fabris, quando, na realidade, creio que nos constituímos num grande emaranhado relacional -, acabei lembrando de uma das milhares de mensagens e memes<sup>7</sup> que trocamos no Instagram e achei que super se relacionava com o que estou trabalhando. Talvez a senhora não lembre, então te envio print's para refrescar sua memória. Veja:



Talvez você não lembre, pois andas muito importante e phyna aí nas “zoropa”, então vou te relembrar. No vídeo que você me enviou, a Suzy Brasil está fazendo previsões para o ano de 2024

6 Luiz Rufino (2019).

7 “Meme” é uma expressão utilizada para descrever um conceito de imagem, vídeos, GIFs e/ou relacionados ao humor, que se espalha via Internet.

8 Conversa no direct messenger do Instagram (Acervo pessoal, 2023).

9 Conversa no direct messenger do Instagram (Acervo pessoal, 2023).



para as pessoas que são do signo de “passiva”. Sim, ela é maravilhosa e tudo o que ela fala nos faz rir muito. De fato, como eu tinha te dito, recebi o tal vídeo seis vezes. Porém, você foi a única pessoa que não só riu, mas que pendeu, logo após a brincadeira, para um breve devaneio filosófico, o que não é de se espantar vindo de você.

E aí, mana, eis que minha mente começou a criar inúmeras conexões, sobretudo depois de suas ponderações: “Apesar que eu acho que não exista passivo e ativo. Existe vontade de gozar e na hora a gente faz de tudo”. Voltei os olhos para onde? Exatamente, para minha tese e a discussão sobre as fixações. Logo me lembrei de uma obra, bastante antiga, de autoria de Michel Misse, *O ESTIGMA DO PASSIVO SEXUAL: Um símbolo de estigma no discurso cotidiano*, publicada pela primeira vez em 1979. Para mim, ela é, ao lado de *Homossexualidade masculina e cultos afro-brasileiros e da hierarquia à igualdade: a construção histórica da homossexualidade no Brasil e O que é homossexualidade?*, ambas de Peter Fry, sendo a segunda em parceria com Edward Macrae<sup>10</sup>, e *O negocio do miche: prostituição viril em São Paulo*, de Nestor Perlongher<sup>11</sup>, o que há de mais cuirizado, no que tange às publicações acadêmicas em solo brasileiro. Logo falarei mais sobre este “cuirizado”. Não posso deixar de mencionar também, rasgando nossas fronteiras, a obra-prima de Gloria Anzaldúa<sup>12</sup> *Borderlands/La frontera: the new mestiza*, publicada pela primeira vez em 1987, nos Estados Unidos (EUA), onde a autora se compreende enquanto *queer*<sup>13</sup>.

Esta é a primeira vez que o termo *queer* aparece em uma publicação acadêmica, desmistificando aquela velha história de que teria sido Teresa de Lauretis a primeira a utilizar da palavra dentro do contexto da academia. Lauretis, na realidade, foi - ao menos publicamente - a primeira a ter unido os termos “teoria” e “*queer*”<sup>14</sup>, apesar de que eu pense que, talvez, outras pessoas, com menos privilégio e reconhecimento, possam ter, muito antes, utilizado de “teoria *queer*”. Esse “mito” reforça uma lógica colonialista européia e norte-americana que dota autoridades<sup>15</sup>, com origem em tais regiões, de pioneirismo e credulidade inquestionáveis. Não que Teresa de Lauretis não tenha contribuído em discussões em torno da teoria *queer*. Pelo contrário. Contudo é justamente por isso que venho trabalhando com a ideia de um cuir local, pois o colonialismo apaga experiências e saberes anteriores à sua agência truculenta e nos faz acreditar que foi naquele momento, com Lauretis nos EUA, que a teoria *queer* nasce - percebe que tratam-se de fixações?

10 Edward Macrae (1982; 1982).

11 Nestor Perlongher (1986).

12 Gloria Anzaldúa (2005).

13 Como mestiza, eu não tenho país, minha terra natal me despejou; no entanto, todos os países são meus porque eu sou a irmã ou a amante em potencial de todas as mulheres. (Como uma lésbica não tenho raça, meu próprio povo me rejeita; mas sou de todas as raças porque a *queer* em mim existe em todas as raças) (Gloria Anzaldúa, 2005, p. 707)

14 “Eu inventei a expressão ‘teoria *queer*’ em 1990, como tema de uma conferência que organizei na Universidade da Califórnia, em Santa Cruz” (Teresa de Lauretis, 2019, p. 398).

15 Este texto faz uso de uma linguagem neutra e sem gênero.



Apesar de ter nascido no Texas (EUA), Anzaldúa é de origem Mexicana e, por tal motivo, apresenta-se como chicana<sup>16</sup>, mulher lésbica, mestiça, pobre e campesina.

Porém, voltando ao Brasil e à publicação de Michel Messy, é Peter Fry, inclusive, quem escreve o prefácio da terceira edição do livro. Nele, Fry, com toda a sua eloquente acidez, diz que “[...] parece que a velha obsessão com “atividade” e “passividade” continua forte como sempre. Basta entrar em qualquer sala de bate papo da internet para verificar! Basta conferir que os afeminados sofrem sempre um rebaixamento de status perante os homens de aparência mais máscula”<sup>17</sup>.

Este trecho que acabo de compartilhar contigo é um exemplo da noção que venho construindo e com a qual trabalho há certo tempo: a de que estamos imersos na norma. Sim, mana, recordo que, quando entrei no saudoso GDE<sup>18</sup>, eu acreditava que era possível subverter as normas, derrubá-las, acabar de vez com elas. No entanto, com o passar do tempo, com muito estudo e com a experiência que fui adquirindo, percebi que este é um projeto impossível. Nossa tarefa é negociar com a norma constantemente, afinal ela consiste na representação do poder e de suas relações, uma força que “circula, produz coisas, induz ao prazer, forma saber, produz discurso”<sup>19</sup>. Assim, estabelecemos um movimento cambiante, a fim de tentar - e como costume dizer, sempre tentar -, escapar de suas capturas, constituindo um movimento que, muito possivelmente, nunca terá fim.

A “norma” refere-se àquilo que regula procedimentos ou atos e tem como sinônimos “regra”, “princípio”, “padrão”, “convenção”, “lei”. Norma social é um conceito que nasce no berço da sociologia clássica e que tem por definição tratar-se de “regras e padrões que são compreendidos pelos membros de um grupo e que guiam/punem o comportamento sem a força das leis. Eles emergem da interação, podendo ou não ser explícitos”<sup>20</sup>. Concordo com quase todo o trecho anterior, a não ser pelo uso de “compreendidos”. Essa é uma perspectiva que só aparece com advento do pós-estruturalismo, onde começamos a questionar a maneira como as normas agem sobre nós, chegando ao ponto de operarem de maneira imperceptível. Trocando em miúdos, as normas são tão sutis que nem mesmo as percebemos. A roupa que usamos, a comida que comemos, o celular novo que queremos, nada disso trata-se de simples escolha, mas sim de todo um movimento normativo que nos leva a optar por determinadas coisas e desempenhar

16 Termo utilizado para referir-se a pessoas nascidas nos EUA, mas de origem Mexicana.

17 Peter Fry (2005, p. 6).

18 Especialização em Gênero e Diversidade na Escola foi um programa de formação de docentes acerca das sistêmicas de gênero, relações étnico-raciais e orientação sexual, promovido pelo Governo Federal. Disponível em: <https://www.gov.br/mdh/pt-br/navegue-por-temas/politicas-para-mulheres/arquivo/sobre/a-secretaria/subsecretaria-de-articulacao-institucional-e-acoes-tematicas/coordenacao-geral-de-programas-e-acoes-de-educacao/genero-e-diversidade-na-escola/curso-genero-e-diversidade-na-escola-gde>. Acesso em 22 mar. 2024.

19 Michel Foucault (2014, p. 48).

20 Robert Cialdini e Melanie Trost (1998, p. 352).



determinados papéis.

Não sei quanto a você, mas a mim me parece que todos os termos que apresentei acima podem ser facilmente substituídos por “fixação”. Fixar refere-se ao ato de tornar fixo, estático, imóvel, firme, ou seja, a tudo aquilo que se contrapõem à maleabilidade e ao movimento, tal qual a norma. Nas palavras de James Williams, “[a] fixidez é sempre uma convenção ou ilusão necessária, ao invés de uma verdade profunda”<sup>21</sup>. Creio que com “necessária” o autor faça referências às fixações e normas que são estabelecidas em virtude da organização político-social em que vivemos. Há de existir uma norma que organize o trânsito, por exemplo, caso contrário teríamos malhas viárias transformadas em verdadeiras zonas de guerra. Porém, estas normas consistem em ficções criadas, nas quais nos baseamos para viver. Elas, de fato, não existem. O grande problema refere-se aos agenciamentos que emergem das normas, tornando-as verdadeiros reguladores de corpos e saberes<sup>22</sup>.

O ativo *versus* passivo, a mulher *versus* homem, e cis *versus* e trans, e negre *versus* e branque, enfim, as dicotomias em geral, para mim, não passam de normalizações e fixações que escondem um todo muito maior por detrás, quando sustentam categorias universalistas que regulamentam, e mais uma vez fixam, as experiências, os corpos, as estéticas. Foquemos no “gatilho” que disparou toda essa discussão: a sexualidade. Identificamo-nos como lésbicas, gays, bissexuais, pansexuais, assexuais e tantos outros espectros da sexualidade que surgem e tornam-se identificáveis. Este movimento de criar novas nomenclaturas é, por um lado, extremamente importante, pois dá visibilidade às experiências, torna-as cognoscíveis e as coloca no campo do reconhecimento político, a fim de que sejam resguardados seus direitos. Por outro lado, a proliferação de nomenclaturas acaba sendo capturada pela norma e inicia um processo de cristalização das identidades - que eu leio como sendo um emaranhado de identificações ao invés de formação de “uma” identidade -, exigindo determinados aspectos para que você possa autodefinir-se como a, b ou c. Ao invés de este ser um movimento que agrupa e reúne os grupos subalternizados, criando e fortalecendo políticas de coalizão, ele acaba por ampliar as diferenças - aqui no sentido de diferenciações<sup>23</sup> -, criar abismos e enfraquecer as lutas micropolíticas contra às colonizações

E como resolver esse panorama crítico que se coloca diante de nossas vidas? A resposta é: não há como. Dizer que existe uma maneira de solucionar algo, de encontrar uma razão, uma essência, um cerne, não deixa de ser um movimento que, novamente, fixa. Por isso disse e repito: não há como escapar das capturas e das fixações. No entanto, creio eu, podemos driblá-las, enganá-

21 James Williams (2013, p. 44).

22 Will [William Roslindo] Paranhos, Eliz Wiggers e Inara Willerding (2022).

23 Avtar Brah (2006).



las, criar fissuras nas estruturas rígidas que nos engessam e vazar em nossas potências<sup>24</sup>. Este é um movimento contraproducente, como diria Paul Preciado<sup>25</sup>, que, ao invés de agir contrariamente, cria espaços outros onde possamos, antes de tudo, nos acolher e, posteriormente, (re)inaugurar práticas integrativas que visem o bem-viver e o bem-morrer<sup>26</sup>.

Como? Cuirizando. Eu te disse que voltaria a falar sobre. Mana, descobri que *queer* vem do latim *torquere* que quer dizer “torcer”. Isto quem me contou, por meio de seus escritos, foi Sayak Valencia<sup>27</sup>. Todavia, essa torção não refere-se a um “torcer” qualquer, mas a um “mover-se em giros, desviando-se da direção originária”<sup>28</sup>. Ou seja, é um movimento constante, que nunca acaba. Acho incrível como essa ideia se aproxima do movimento do tempo espiralar, trazido pela professora Leda Maria Martins<sup>29</sup>, onde a lógica do linear se dissipa e dá lugar aos deslocamentos simultâneos que são capazes de transformar aquilo que está no passado, no presente e no futuro.

Porém, notei algumas coisas. Primeiro, percebi que, infelizmente, *queer* já está fixado dentro da lógica colonial, tanto que hoje é utilizado, sobretudo na América do Norte, como sinônimo de identidades sexuais em dissidência - referem-se ao grupo LGBTIAPN+ como *queer* - ou então como tratando-se de mais uma identidade de gênero - tanto que algumas siglas compreendem o “Q”, a exemplo de LGBTQIAPN+. Resolvi, então, que deveria fazer jus ao abraço defendido por Ariano Suassuna e, de *queer*, passei a chamá-lo cuir. Ocorre que - e aqui vem a segunda percepção - quando pronunciamos “o cuir”, implicitamente estabelece-se uma fixação metafísica, tal qual o homem, a mulher, e indígena, e negro. Nota? Se cuir é movimento e emaranhamento - formação de emaranhados e não de processos -, ele não “é” algo, mas ele sempre “está-sendo”. Por que, então, não aproximarmos o termo deste movimento? Foi aí que substituí “cuir” por “cuirização”. O cuir deixa de ser cuir para estar-sendo-cuirizando.

É o movimento de torção constante, da cuirização, que surge como possibilidade para nos estabelecermos na relação cambiante com as normas, a fim de tentarmos - e sempre tentarmos - escapar de suas capturas. Se alguém disse que você “é” tal coisa, torça, cuirize. Quando encontrar uma resposta, torça, cuirize. Se perceber uma definição, torça, cuirize. Quando alguém lhe der uma “medalha de passiva”, ou de ativa, ou relativa, ou versátil, ou isto, ou aquilo, não importa, torça e cuirize. Talvez assim nós consigamos, mesmo que provisoriamente, escapar das capturas e das fixações.

24 Will Paranhos (2024).

25 Paul Preciado (2019).

26 Donna Haraway (2023).

27 Sayak Valencia (2015).

28 Sayak Valencia (2015, p. 20).

29 Leda Maria Martins (2021).



Beijas, mana, e se cuide!

Will,

Rio de Janeiro, março de 2024.

### 3 Carta de Daniel

Ei, mana! Boa e você?

Um meme e mais um diálogo nosso que se estende... e ainda há quem questione que as redes sociais, a cultura pop, a cultura para as massas não são coisas sérias e que possam render discussões e (des)construções. Recentemente houve aí no Brasil o show da Madonna, que ocorreu na praia de Copacabana, no Rio de Janeiro, e que deu o que falar. Madonna não faz obras altamente intelectualizadas. Nunca as fez, não é sua intenção. Porém, não sou da turma que a desconsidera completamente. Pelo contrário, eu acho que Madonna é uma artista da prática cotidiana. Ela é a provocação que faz instalar o debate, quebrar o gelo cotidiano da normalidade e botar em pauta as nossas hipocrisias. Só isso já a torna uma das grandes artistas do século XX e que chega ainda intacta ao século XXI. Eu até discuti sobre isso nas minhas redes sociais:

Madonna no Brasil, um show histórico com 2 milhões de pessoas. Há um frisson de um lado e do outro críticas. As principais críticas estão no campo dos valores milionários gastos no show e na velha máxima de que o dinheiro investido deveria ser com outras necessidades básicas. Será que realmente não está? Ignorar a força da arte pop como forma de transformação política é um erro tremendo. Arte pop é uma expressão do nosso tempo em que performance artística, dinheiro, massificação e mercado estão alinhados para deslocamentos políticos sociais potentes e intensos. Ignorar a força de Madonna nos últimos 40 anos é um erro. A escolha em fazer o final da sua turnê no Brasil tem um espectro político interessante depois do laboratório neopentecostal fascista que dominou o Brasil. O filósofo da teoria queer Jack Halberstam já colocou que a “baixa teoria”, a partir da arte pop, é a base do elogio aos corpos fracassados, queers, do século XXI. Vamos continuar ignorando que o modelo do ser humano do século XXI é a forma queer de viver? Vamos continuar querendo fronteiras, reais ou simbólicas, entre nós e culturas? Madonna mostrou isso no show e como a cultura brasileira pode ser a protagonista nessa história. Sobre a crítica aos valores astronômicos. Acredito que muito bem investidos para eternizar moralmente essa proposta. Vergonhoso mesmo é o 1 milhão de euros que Neymar pagou de fiança para tirar o amigo estuprador da cadeia e dar um péssimo exemplo de que se compra tudo. Que continuem os investimentos em revoluções de 2 milhões de mulheres, pessoas LGBTQ+, latino americanas, pessoas excluídas pela idade e etc. Ou vamos continuar achando que há corpos que valem mais que outros? Será que se prestar mais atenção em “Madonnas”, e menos em Trumps, bolsonaros, mileys, putins, não teríamos menos Ucrânia e Gaza e mais Copacabana?” (Manzoni-de-Almeida, 2024, s. p.).

Você chegou a ler? Na mesma proporção que tive uma interação boa com o pessoal, houve outras tantas que buscaram tecer críticas pelo fato de eu não estar preocupado com o que estava acontecendo no Rio Grande do Sul (RS), com as tragédias das enchentes que destruíram o estado, mas que estava valorizando a imoralidade da Madonna beijando Pabllo Vittar e Anitta de forma “pornográfica”, ao vivo, na televisão aberta, diante das criancinhas inocentes. No dia 13 de maio



de 2024, eu tentei trazer outra discussão nesse sentido:

Há uma questão que emerge das águas: o dia seguinte da tragédia. Além da lama, da destruição, dos corpos humanos e animais para enterrar, há os corpos sobreviventes que precisam se refazer e as mazelas sociais que surgem. A população sobrevivente no RS é de refugiados climáticos sem sombra de dúvidas. Nos abrigos de refúgio estão tendo que lidar com a gama dolorosa das questões que surgem no dia seguinte ao desastre. Essa matéria de hoje do jornal Estadão traz uma delas: a civilização que começa a surgir nesses espaços, as hierarquias, as opressões, as violências... as questões climáticas que nos afetam não estão desconectadas das questões de interseccionalidades (gêneros, sexualidades, classe social) que nos transpassam. As mudanças climáticas impactam diretamente nas marcas interseccionais e agravam, ainda mais, as opressões. Nesses novos espaços que nascem, aparecem também as “novas-velhas” configurações das relações de poder e opressão: machismo, etarismo, elitismo, lgbtfobias etc. Não demorou a surgir as notícias de estupro de mulheres; dos incômodos gerados pela vida sexual ativa das pessoas no abrigo; das relações de hierarquia entre quem faz pix, como faz, quanto faz e para quem faz; dos ex BBBs e influencers que vão até a tragédia para gerar material de engajamento nas redes e faturar. A questão climática não está distante das questões das políticas humanas. Um apito na boca das mulheres para denunciar e se proteger tem muito do som dos palcos do pop que os conservadores criticam” Manzoni-de-Almeida, 2024, s. p.).

O que quis trazer é que o “bater de asas de uma borboleta” de um lado do mundo gera um tufão no outro lado. Ou seja, o que o show da Madonna nos traz de material crítico para pensar na tragédia no RS? Dias depois do desastre, algumas mulheres foram atacadas por homens nos abrigos<sup>30</sup>. Uma estratégia pensada foi a utilização de apitos sonoros como forma de as mulheres denunciarem novos ataques, criando uma rede de proteção entre elas nesses espaços. Hoje nós temos consciência, bem como maneiras de denunciar, que assédio, ataques e violência de qualquer tipo contra qualquer mulher é inadmissível. Teríamos essa clareza lá pelos meados das décadas de 80? A História está aí como testemunha de que as coisas eram bem diferentes. Essa forma de consciência só foi possível porque muito feminismo foi difundido pelas músicas do pop<sup>31</sup>. A cultura pop teve um papel imenso nesse processo, por exemplo por artistas como Madonna e outras divas, e outras militâncias como do movimento LGBTIAPN+. Inclusive, tem uma dissertação<sup>32</sup> babadeira, de Armando Azvdo, defendida na Universidade Federal da Bahia, sobre. Nela, a pessoa autora faz uma autoetnografia mostrando a influência das divas pop e da cultura pop em geral no desenvolvimento do seu processo performático e artístico

Foram bem menos curtidas e poucas interações. O que no fundo eu acho é que qualquer tentativa de relacionar temas para trazer a “real” parece não surtir efeito. Acredito que as discussões fragmentadas e não correlacionadas trazem mais emoção e são mais assimiladas. Talvez porque estejam mais encaixotadas? Por exemplo, como você mesmo apontou: passivo para um lado e ativos para o outro? Versáteis ou qualquer outra forma de expressão afetivo-sexual vira um

30 Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/blogs/debora-bergamasco/nacional/ministerio-vai-apurar-denuncia-de-abuso-a-mulheres-em-abrigos-do-rs/>. Acesso em 13 jun. 2024.

31 Thiago Soares, Mariana Lins e Alan Mangabeira (2020).

32 Armando Azvdo (2022).



problema. Como lidar com algo não definido em um mundo que clama por definições para melhor azeitamento das suas engrenagens de lucros e opressões? É disso que começamos a falar e as redes sociais estão no mesmo caminho...

Aliás, não sei se você lembra, mas nossa conexão começou dessa forma, com uma interação na rede social LinkedIn que nos rendeu produções intelectuais, organização e coordenação de eventos e uma amizade. Desse espaço, do virtual, o qual invocamos novamente para essa troca de reflexões agora, já realizamos coisas concretas que estão circulando e de alguma forma tocando outros corpos. De fato, nós estamos transando. Transando virtualmente, já faz um tempo... Vou explicar .

Gosto da ideia de Guacira Louro<sup>33</sup> que traz que nós, corpos em *queerificação* – ou seja em construção e desconstrução constante - somos “viajantes”. Eu acho que se encaixa bem aqui para o que eu quero desenvolver com você. Primeiro pelo fato de eu falar agora como um imigrante – aquele que viaja da sua terra de origem para a terra do outro – e em segundo, pela eterna construção de uma identificação queerizada como aquele que vai somando pertences durante um percurso de uma viagem existencial. O que acho interessante nessa proposta da professora Guacira é sua ênfase na possibilidade de que sejamos corpos descentralizados e em constante busca do prazer no/pelo/durante o percurso ao invés de atingi-lo somente na chegada - se é que há chegada.

Você me perguntou como está a vida pela Europa, então vamos lá! A vida na Europa tem sido uma experiência peculiar. Primeiro, porque esse continente sempre desperta a visão idealizada de uma vida plena e chique. Quem sabe que eu moro na França, imagina que todos os dias vejo a Torre Eiffel da janela da minha casa. É estar na terra de quem criou e impôs todas as regras de existência aos nossos corpos. Estar no “velho mundo”, assim classificado por uma perspectiva de análise histórica colonialista - será que nosso mundo latino americano não seria sim o mais velho mundo de existência e saberes com nossos povos originários que foram dominados e massacrados? -, é confrontar-se diariamente com a ideia de que da maneira como somos e existimos não é correta e, conseqüentemente, permitida. Por diversas vezes me vejo em um auto questionamento do porque fiz o movimento da imigração para essa terra. Por que não decidi ir para outro lugar, em que minha maneira de existência poderia ser menos estranhada e não tão questionada por uma norma de existência normativa e universal? Eu não tenho uma resposta sobre isso. Por enquanto, o que eu consigo explicar é que estar aqui é um ato que tem duas faces. De um lado, o desejo do resgate daquilo que me foi tirado pelo projeto imperialista de dominação e subjugação na América Latina e, do outro, um desejo de provocação e desmantelamento dessas normas que são a base da

33 Guacira Louro (2008).



colonização.

Andar pelas ruas na Europa com meu biotipo, minha fisionomia, minha língua, meu francês ou inglês com sotaque da minha língua materna ao fundo, inventar palavras novas misturando o francês e os sons do português para tirar um “sarro”, é para além da simples provocação: é o luxo de se *queerizar* nas terras do colonizador. Há muitos “iguais” a mim por aqui, mesmo que de origens diferentes, provocando uma ira similar. “Quando você volta para seu país?” é a pergunta mais comum que um imigrante escuta por aqui. Ela vem sempre em um contexto de curiosidade em voz doce de interesse genuíno sobre um projeto de vida, como se nós estivéssemos por aqui, apenas por determinado tempo, para adquirir e “aprender” com eles as normas da civilização e, posteriormente, regressarmos aos nossos países de origem, sempre tidos como bárbaros, a fim de implantar o modo civilizatório universal.

O choque vem quando revelamos o contrário. Que a intenção é nos instalarmos de vez e desfilar nossa existência negada como um resgate. Meu maior luxo na Europa é esse: “queerizar” na cara de quem impôs a norma. Não há roupa, restaurante, museu mais chique do que isso. E claro que o ódio vem. Ele vem da frustração de um projeto colonial que não está dando mais certo, não está dando mais resultados, que tem sido “desobedecido”. Pelo contrário. Há uma devolutiva digerida. Em verdade, nós somos selvagens, bichas antropofágicas: a gente come o que nos dão e entregamos nossa versão digerida, desconstruída. Recentemente eu li a fala destruidora de Paul Preciado para os psicanalistas franceses<sup>34</sup>. Acho que ainda consigo ouvir os ecos desse dia por aqui.

Já vivi algumas situações bem interessantes aqui nesse sentido, viu mana, que fazem reafirmar nossa existência em *queerização*. Uma delas, talvez a mais simbólica, foi em uma reunião científica em que eu falava sobre a metodologia de pesquisa com que trabalho: a autoetnografia. As outras pessoas participantes da reunião resistiam em entender como a metodologia funciona, ou seja, que o material subjetivo e história de vida da pessoa que pesquisa é o objeto da própria investigação. Não demorou muito para que as críticas começassem a pipocar, afirmando que o método era inconsistente por não trabalhar com evidências, provas científicas cabais e concretas que pudessem ser avaliadas e reprodutíveis. Não tardou em iniciar a desvalorização das formas de pesquisa que realizamos. “Há algum pesquisador francês que está trabalhando com isso? Acho que isso é coisa dos norte americanos...” (*sic*), ao que prontamente respondi: “Por que?” (*sic*), e continuaram: “Para que possamos ler em língua francesa sobre essa forma de fazer pesquisa...” (*sic*); não demorei ou hesitei em responder: “O que há nesse território, e já faz dois anos, é a tese de um pesquisador brasileiro, no caso eu, sobre o assunto, e que foi disponibilizada nos arquivos

34 Paul Preciado (2022).



do grupo para que pudesse ser lida, mas ninguém teve a coragem ou empatia de se esforçar em ler em língua portuguesa, mesmo utilizando programas de tradução automática, para conhecer o meu trabalho. Por outro lado, eu já li os escritos que vocês produziram para discuti-los” (*sic*). O silêncio foi absoluto, mas continuei: “E sobre a metodologia, apesar de ser concretizada por pesquisadores norte americanos de língua inglesa, ela tem a base no pensamento de Foucault, Derrida, Deleuze, Kristeva, pessoas pensadoras francesas, que desde as décadas de 1950 e 1960 nos apresentam suas ideias filosóficas dos pós-estruturalismo, da desconstrução, das liberdades individuais. A minha formação acadêmica filosófica está toda impregnada do pensamento produzido aqui. O que eu apenas estou fazendo agora é trazer a digestão das ideias com as quais me alimentei durante anos, ideias produzidas aqui. Eu estou devolvendo o que vocês produziram” (*sic*). O silêncio continuou. É sobre essas situações que concebo o “luxo”. Não é ter bolsas, jantares, roupas e jóias, mas *queerizar* o cotidiano.

Outro ponto que sempre trago sobre o viver na Europa é o de que vim para um resgate. Não um resgate existencial, familiar, mas um resgate concreto de uma possibilidade de vida sequestrada. Meu sonho sempre foi ser pesquisador e professor universitário. Ser cientista, sonho desde menino. No Brasil, sempre foi muito difícil conseguir estudar e ascender profissionalmente. As coisas em nosso país, sobretudo em termos acadêmicos, começaram a melhorar a partir de 2003 com os governos de centro-esquerda. Tornou-se possível estudar, atingir certa emancipação a partir de políticas públicas que oportunizaram o acesso às universidades. Porém, a partir de 2016, com o golpe do *impeachment* da presidenta Dilma Rousseff, as oportunidades disponíveis para acessarmos os postos de poder, como por exemplo a de nos tornarmos professores universitários e, a partir daí, termos a possibilidade de contribuir com novas perspectivas cognitivas e epistemológicas, a partir das nossas experiências concretas de mundo, foram roubadas. As oportunidades de empregos para nós, da classe trabalhadora, minguaram. Para pessoas LGBTIAPN+? O cenário ficou ainda pior. Tudo isso foi devido aos acordos e políticas orquestradas por países do hemisfério norte que desmantelaram as políticas dos países do hemisfério sul. Eu sempre me questiono: será que se eu tivesse tido oportunidades de trabalho no meu país, teria me mudado? O que eu vim fazer foi, em verdade, buscar aquilo que me foi tirado. E nisso não tem nada de luxuoso, pois a briga é longa.

Voltando ao gatilho da nossa conversa, ser ativo ou passivo, quando a gente fala sobre uma relação afetivo-sexual. Essa questão é interessante para pensarmos também sobre os efeitos do colonialismo nas nossas subjetividades, em especial, nas entranhas das nossas intimidades das práticas sexuais como forma de dominação. Desde sempre há, para nós, a opressão por não obedecermos a performance imposta pela cisheteronormatividade. Quando, enfim, começamos a



nos sentir minimamente confortáveis dentro da linguagem da nossa comunidade LGBTIAPN+ surgem outras formas de opressão e controle que vão além das identidades, mas que buscam regular a maneira como sentimos prazer. Por exemplo, a exigência de se definir publicamente - e quase constantemente - como gostamos de nos relacionar afetivo-sexualmente em passivo ou ativo. É uma questão normal na comunidade LGBTIAPN+. E é um ponto sufocante. Acredito, no fundo, que isso não é uma questão nossa, digo da nossa comunidade, mas de certa maneira uma imposição novamente do mundo heteronormativo. Posições definidas no âmbito da intimidade são uma preocupação heterossexual que demarca o ato sexual com marcas claras de papéis gêneros bem definidos. Homens fazem isso e mulheres fazem aquilo. Não há trocas de papéis. Se houver, é um escândalo, heresia! Será que devemos ter essas marcas quando estamos falando de dois corpos desprendidos dessas marcas bio-sócio-políticas de gêneros? Quando eu digo na resposta ao meme que acho que podemos fazer tudo no ato sexual, é justamente resgatando esse sentido de que não quero guiar minha forma performativa afetivo-sexual de sentir prazer com as marcas da heteronormatividade. Aprisionar meu prazer do que já fui no meu passado é um outro erro. Já foi custoso, em termos de lutas políticas, a proposta de uma nova configuração de relacionamentos a partir das existências LGBTIAPN+, e agora vamos “estragar” tudo para definir conceitualmente o que devemos fazer com as nossas práticas sexuais? Acho que podemos recusar tais imposições e pensar em uma não-binariedade de nossas práticas. Não estaria aí a nossa grande revolução do século XXI?

Nessa mesma esteira vai a brincadeira da nossa discussão de que estamos transando já faz algum tempo. Eu acredito que para as pessoas leitoras dessa nossa interação, a primeira leitura que podem fazer é a da questão afetivo-sexual. Em nenhum momento deve passar pelas cabecinhas “poluídas” (pelo menos eu acredito como bom leitor de psicanálise), que há outras dimensões do transar, por exemplo, o transar nossas ideias intelectuais como um trançar de propostas ou ideias. O diálogo tem essa maneira de construir epistemologias. Na intenção de formalizar nossas propostas em ideias em textos palatáveis academicamente, muita coisa se perde nessa transa. Eu acho que nossas conversas nas redes sociais, com sua tecnologia de memória excelente, nos proporcionam manter os nossos fluidos não higienizados desse contato. As redes sociais tem - ou pelo menos tinham - esse objetivo.

E acho que transamos bem mais uma vez.

Nem eu e nem você foi só passivo ou só ativo até agora.

Foi bom para você?

Eu gozei horrores!



Daniel Manzoni-de-Almeida  
Brest, França, junho de 2024.

#### 4 Algumas considerações para não finalizar...

-4. Diante do exercício que nos propusemos, acreditamos não ser possível finalizá-lo ou encerrá-lo, pois tal ato demonstra uma atitude metafísica presentificada que impede a constante proliferação, interlocução, transformação e criação de emaranhados relacionais, aqui numa tentativa de (re)unir perspectivas baradianas e butlerianas (Barad, 2017; Butler, 2015). Assim, inexistem conclusões ou considerações finais, mas sim alguns apontamentos que desejam ser tomados como provocações, a fim de que o texto possa, de alguma maneira, continuar vivo e afetivo.

-3. A proposta de cartas como meio para um “pensar-fazer” ciência surge a partir da leitura do texto de Bruna Moraes Battistelli e Érika Cecília Soares Oliveira (2021), *CARTAS: um exercício de cumplicidade subversiva para a escrita acadêmica*, e a razão para tal escolha é explicada pelas mesmas: “Mas como e por que transpor esta forma de escrita para artigos e capítulos de livros? Porque acreditamos que as cartas são meios importantes para o acolhimento de ideias, conceitos e narrativas sustentados em uma lógica de abertura às questões” (Battistelli; Oliveira, 2021, p. 690). Ademais, seguindo suas considerações, acreditamos que as cartas nos colocam em contato com a experiência do inesperado e do imprevisível. Quantas cartas não são respondidas? Quantas cartas não são, sequer, lidas? Qual a garantia de que lerão as palavras que cuidadosamente escrevemos ou mesmo as responderão? Se acreditamos em um pensar-fazer ciência pautado nos conhecimentos situados, nos saberes localizados e parciais (Donna Haraway, 1995), assumindo os assombramentos que nos rondam em nosso ofício de pesquisadoras, as cartas surgem como uma possibilidade de reconfigurar o campo hegemônico da pesquisa, que advoga por uma prática sem sentir/sentidos.

-2. A forma numérica que usamos aqui para (des)organizar estas considerações, apesar de simbólica, é mais uma tentativa de desnormalizar e desafixar o fazer ciência que, segundo os padrões euro ocidentais, cartesianos e de produtividade, deve seguir uma linearidade padronizada, sobretudo valendo-se de um sistema numérico que seria, desde Aristóteles, tido como preciso e impossível de ser questionado. Assim, mesmo que simbolicamente, seguimos a submetodologia indisciplinada defendida por Jota Mombaça (2016; 2021) e consideramos que tudo pode ter uma gênese indefinida e um fim inexistente.

-1. Nosso texto não possui um método, uma pergunta de pesquisa, ou mesmo um objetivo. Nosso desejo é que ele opere como um instrumento de afetação que desperte nes leitorias



sentimentos, lembranças, angústias, desejos, uma gama infinita de sensações que emaranhem nossas experiências com suas experiências, a fim de que possamos perceber a maneira como temos lidado com os processos de normatização e fixação que assolam nossas existências, impedindo-nos de fluir em potencialidades outras ao traçarmos nossas linhas de fuga.

0. Talvez es leitories estejam se questionando: essas cartas foram realmente enviadas? Nossa resposta é: sim, foram. Na realidade, tivemos um primeiro encontro virtual onde problematizamos algumas questões que tínhamos desejo de trabalhar em um texto. Depois de muita conversa, surgiu a ideia das cartas e, então, nosso encontro deu-se por encerrado. Posteriormente, a primeira carta foi redigida e enviada para que, só então, a segunda carta fosse escrita como resposta. Ao final, conversamos sobre as cartas e construímos estas considerações.

1. Acreditamos que, de tudo o que está-sendo aqui exposto, haja vista entendermos, novamente, que nada do que aqui é discutido teve uma gênese, bem como não encerrará, a questão da “não-fixação” é aquela que mais nos afeta, atravessa e desloca. Estando no mundo e na vida em sociedade, somos sempre fixades de algum modo, independente do espaço que ocupamos ou dos privilégios que tenhamos. Mesmo o homem cis, branco, heterossexual, rico, magro, sem deficiência lida com os efeitos de toda esta fixação. Sim, pois nomear determinados corpos deste modo, por mais que haja uma necessidade de reconhecimento das corporalidades subalternizadas ou não, cria fixações que tendem a estabilizar e hegemônizar suas experiências de vida. Muitos destes homens não sabem, mas sofrem, também, com tais processos, sofrimento este que pode ser inconsciente, é bem verdade, ao expressar-se na forma de uma ansiedade ou *burnout*. O que dizer, então, de nós, corpos em dissidências que fomos colocades à margem da sociedade? Sofremos muito mais, possivelmente, pois as investidas para fixar-nos são muito maiores e mais violentas. E quando tais fixações são perpetradas por nossos pares, por aqueles que, há tanto, encontram-se ao nosso lado nas lutas sociais? Como agimos quando emana a fixação emana daquele lugar que menos esperávamos?

### Financiamento

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior — Brasil (CAPES) — código de financiamento 001.



## Referências

ANZALDÚA, Gloria. *Borderlands/La frontera: the new mestiza*. San Francisco/EUA: Aunt Lute Book, 2005.

AZVDO, Armando. *Divas: a cultura do consumo e o fenômeno pop estadunidense na construção de uma identidade bicha, contemporânea, soteropolitana*. 2022. 375 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Programa Multidisciplinar de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade, Universidade Federal da Bahia, Salvador, Ba, 2022.

BARAD, Karen. Performatividade pós-humanista: para entender como a matéria chega à matéria. Tradução de: ROCHA, Thereza. *Vazantes* – Revista do Programa de Pós-graduação em Artes, Fortaleza, v. 1, n. 1, p. 6-34, 2017.

BATTISTELLI, Bruna Moraes; OLIVEIRA, Érika Cecília Soares. CARTAS: um exercício de cumplicidade subversiva para a escrita acadêmica. *Currículo sem fronteiras*, v. 21, n. 2, p. 679-701, 2021.

BRAH, Avtar. Diferença, diversidade, diferenciação. *cadernos pagu*, p. 329-376, 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cpa/a/B33FqnvYyTPDGwK8SxCPmhy/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 14 ago. 2023.

BUTLER, Judith. *Quadros de guerra: quando a vida é passível de luto?*. São Paulo: Civilização Brasileira, 2015.

BUTLER, Judith. *Relatar a si mesmo*. Belo Horizonte: Autêntica, 2022.

CIALDINI, Robert; TROST, Melanie. R. Social influence: social norms, conformity and compliance. In: GILBERT, D. T.; FISKE, S. T.; LINDZEY, G. (Orgs.). *The Handbook of Social Psychology*, vol. 2, New York: McGraw-Hill, 1998. pp. 151-192.

DERRIDA, Jacques. *Gramatologia*. São Paulo, SP: Perspectiva, 2008.

DERRIDA, Jacques. Uma certa possibilidade impossível de dizer o acontecimento. *Revista Cerrados*, v. 21, n. 33, 2012.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. 8. ed. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 2014.

FRY, Peter. Homossexualidade masculina e cultos afro-brasileiros. In: FRY, Peter. *Para inglês ver: identidade e política na cultura brasileira*. Rio de Janeiro: Zahar, 1982. pp. 54-86.

FRY, Peter; MACRAE, Edward. *O que é homossexualidade?* São Paulo, SP: Brasiliense, 1982.

HADDOCK-LOBO, Rafael. *Notas sobre o trajeto aporético da noção de experiência no pensamento de Derrida*. Educação e filosofia, p. 259-274, 2013.

HARAWAY, Donna. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. *Cadernos pagu*, n. 5, p. 7-41, 1995.



HARAWAY, Donna. *Ficar com o problema: fazer parentes do Chthuluceno*. Tradução de Ana Luiza Braga. São Paulo: n-1 edições, 2023.

LOURO, Guacira Lopes. *Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e a teoria Queer*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

MANZONI-DE-ALMEIDA, Daniel. *Há uma questão...* Instagram, [S. l.], 13 mai. 2024. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/C67JQv6tHq7/?igsh=OXB3d3kyOTcydGE2>. Acesso em: 01 out. 2025.

MANZONI-DE-ALMEIDA, Daniel. *Madonna no Brasil...* Instagram, [S. l.], 05 mai. 2024. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/C6lbc5rtSnS/?igsh=MTZlYXhmZHI3OWpoYQ%3D%3D>. Acesso em: 01 out. 2025.

MARTINS, Leda Maria. *Performances do tempo espiralar, poéticas do corpo-tela*. Editora Cobogó, 2021.

MISSE, Michel. *O estigma do passivo sexual*. Rio de Janeiro: Achiamé-Socii, 1979.

MOMBAÇA, Jota. *Não vão nos matar agora*. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.

MOMBAÇA, Jota. Rastros de uma submetodologia indisciplinada. *Revista Concinnitas*, [S. l.], v. 1, n. 28, p. 334-354, 2016.

NASCIMENTO, Evando. *Derrida*. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar Ed., 2004.

PARANHOS, Will. “EMARANHAMENTOS CUIR”: Teorizar a partir de uma ontoepistemologia das localizações. In: do SEMINÁRIO INTERNACIONAL DESFAZENDO O GÊNERO, 6., 2023, Uberlândia. *Caderno de Resumos...* Uberlândia, MG: O Sexo da Palavra, 2023a. Disponível em: [http://lalidis.com.br/wp-content/uploads/2024/01/Caderno-de-resumos\\_DesfazendoGe%CC%82nero2023\\_Ebook.pdf](http://lalidis.com.br/wp-content/uploads/2024/01/Caderno-de-resumos_DesfazendoGe%CC%82nero2023_Ebook.pdf). Acesso em 11 jun. 2024.

PARANHOS, Will. É Preciso “Vazar” O Currículo. In: COLACIQUE, Rachel et al. (Org.). *Reflexões e narrativas pedagógicas* [livro eletrônico]. 1 ed., v. 3. Rio de Janeiro, RJ: Ed. dos Autores, 2024. pp. 34-42.

PARANHOS, Will; JIMENEZ-JIMENEZ, Maria Luisa. “Por uma escola gorda!”: difrações a partir do ativismo e estudos do corpo gordo. *Revista Teias*, [S. l.], v. 24, n. 75, p. 150–165, 2023. DOI: 10.12957/teias.2023.78800. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/revistateias/article/view/78800>. Acesso em: 11 jun. 2024.

PARANHOS, William R.; WIGGERS, Eliz M. ; WILLERDING, Inara A. V. A Docilização De Corpos Em Discursos Políticos E Sua Repercussão Nos Contextos Educativos. In: LEMOS, Flávia Cristina Silveira et al. (Org.). *O dispositivo gênero-sexualidade-racismos e a educação libertária: ensaios analíticos de Psicologia Social*. Curitiba, PR: CRV, 2022. pp. 423-440.

PARANHOS, Will. *Vazamentos Curriculares: O Cuir Contra-Colonial*.



In: REUNIÃO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM EDUCAÇÃO (ANPED), 41., 2023. *Anais.*. Manaus: ANPED, 2023b. Disponível em: [https://base.pro.br/sites/41anped/docs/12829-TEXTO\\_PROPOSTA\\_COMPLETO.pdf](https://base.pro.br/sites/41anped/docs/12829-TEXTO_PROPOSTA_COMPLETO.pdf). Acesso em 11 jun. 2024.

PERLONGHER, Nestor. *O negocio do miche*: prostituição viril em São Paulo. São Paulo, SP: Unicamp, 1986.

PRECIADO, Paul B. *Eu sou o monstro que vos fala*: Relatório para uma academia de psicanalistas. Trad. de Rodrigues, Carla. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2022.

PRECIADO, Paul B. O que é a contrasexualidade? In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de. *Pensamento feminista hoje*: conceitos fundamentais. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019. pp. 411-419

RUFINO, Luiz. *Pedagogia das encruzilhadas*. Rio de Janeiro: Mórula editorial, 2019.

SOARES, Thiago. LINS, Mariana. MANGABEIRA, Alan. (orgs.). *Divas Pop*: o corpo-som das cantoras na cultura midiática [recurso eletrônico]. Belo Horizonte, MG: Fafich/Selo PPGCOM/ UFMG, 2020.

WILLIAMS, James. *Pós-estruturalismo*. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

VALENCIA, Sayak. Del queer al cuir: ostranénie geopolítica y epistémica desde el sur glocal. In: LANUZA, Fernando R.; CARRASCO, Raúl, M. (org.). *Queer & Cuir*. Políticas de lo irreal, Cidade do México: Editorial Fontamara, 2015. p. 19-37.

